

**O TRABALHO, SUAS REPRESENTAÇÕES E SENTIDOS: DA DEMISSÃO À  
RECONTRATAÇÃO DE TRABALHADORES**

**THE WORK, ITS REPRESENTATIONS AND MEANINGS: FROM DISMISSAL TO  
REHIRING OF WORKERS**

**Márcio de Campos**  
Prefeitura Municipal de Barbacena-MG  
[campos.psicologia@yahoo.com.br](mailto:campos.psicologia@yahoo.com.br)

**Luiz Alex Silva Saraiva**  
UFMG  
[saraiva@face.ufmg.br](mailto:saraiva@face.ufmg.br)

**Submissão:** 11/04/2013  
**Aprovação:** 18/06/2014

**RESUMO**

Objetiva-se aqui identificar e analisar os sentidos do trabalho e suas representações para um grupo de trabalhadores que vivenciou as etapas da demissão, a volta ao mercado de trabalho e a recontratação pela antiga empresa. Teoricamente o artigo se sustenta sobre duas discussões principais: a primeira sobre o trabalho e sua representação histórico social, seguida de uma abordagem sobre o sentido do trabalho e suas representações. Um estudo qualitativo foi conduzido baseado em dados de um grupo focal e de entrevistas semiestruturadas, material empírico que foi analisado por meio da análise de discurso na vertente francesa. Os principais resultados estão relacionados a três elementos: primeiro, identificaram-se diversos aspectos ligados à demissão, em geral associados simbolicamente ao luto, à morte e à impotência frente a tal perspectiva. Segundo, estar desempregado se associa a um certo vazio em um primeiro momento, e à necessidade de enfrentamento da nova situação. Na terceira e última categoria, sentidos atribuídos ao trabalho, foram encontrados a) o sentido de interação social e sustento ligados ao trabalho; b) o de trabalho associado a algo nobre, que valoriza o ser humano; e c) uma ideia de completude ligada ao trabalho. As principais contribuições do



estudo sugerem uma forma dialética e paradoxal associada ao trabalho. Se, por um lado, confere reconhecimento pleno do indivíduo, sua ausência alude a um esvaziamento em sentido amplo, o que endereça aos gestores a tarefa de configurarem outras relações de trabalho, mais humanizadas.

**Palavras-chave:** Representações sociais. Sentidos do trabalho. Demissão. Recontratação.

### ABSTRACT

In this paper we identify and analyze meanings of work and their representations for a group of workers who experienced stages of dismissal, return to labor market and rehiring the old firm. Theoretically, this paper is based on two main discussions: first about work and its historical and social representation, followed by an approach about the sense of work and its representations. A qualitative study was conducted based on data from a focus group and semistructured interviews, empirical data which was analyzed through French discourse analysis. Main results are related to three elements: first, we identified several aspects symbolically connected to mourning, death and impotence in face of such this prospect.. Second, being unemployed is associated with a certain emptiness at first, and the need to deal with new situation. The third and final category, meanings attributed to work, we found: a) a sense of social interaction and keep associated to work, b) work related to something noble, which values human being, and c) a sense of completeness connected to work. Main contributions of this study suggest a dialectical and paradoxical way associated to work. If, on one hand, gives full recognition of individual, its absence alludes to a depletion in broader sense, what leaves to managers task of configuring other working relationships, more humanized.

**Keywords:** Social representations. Senses of work. Dismissal. Rehiring.



## Introdução

A intenção com que o homem se relaciona com o trabalho leva a que se construa, simultaneamente, um resultado do ponto de vista produtivo, e uma subjetividade, que leve o produtor a se perceber autor de seu resultado (BORGES; YAMAMOTO, 2004). Nesse sentido, além do aspecto estritamente relacionado à sobrevivência (GILL, 1999), do sofrimento (BRAVERMAN, 1987), e do conteúdo moral que foi sendo historicamente atribuído ao trabalho (WEBER, 1992), ainda que se busquem outras referências, o trabalho permanece central na vida de boa parte dos indivíduos. Entender o que ele representa, assim, é algo relevante e oportuno.

Objetiva-se aqui identificar e analisar os sentidos do trabalho e suas representações para um grupo de trabalhadores que vivenciou as etapas da demissão, a volta ao mercado de trabalho e a recontração pela antiga empresa. Se abordar o trabalho se apresenta como algo necessário em um quadro de incessantes mobilizações e desmobilizações produtivas de acordo com os desígnios do capital, refletir sobre suas configurações, e particularmente sobre o que se pensa a respeito dele se mostra importante como meio de melhor delineá-lo e, assim, humanizá-lo (ANTUNES, 2000b).

Partindo dessa perspectiva, questiona-se: (i) quais os sentimentos que emergem diante da notícia da demissão? (ii) quais as representações sociais o desemprego pode assumir? e (iii) quais os sentidos e significados atribuídos ao trabalho? A partir das respostas a essas indagações, visa-se lançar luz sob o fenômeno “trabalho” e suas representações na sociedade contemporânea, visto que o ato de trabalhar ao longo da história ganhou diversos significados e passou por grandes transformações, mas a sua relevância, sobretudo no que tange a autonomia e o reconhecimento social, permanece manifesta na vida dos indivíduos.

A partir de um grupo focal, observou-se que são atribuídos ao trabalho vários sentidos e representações sociais, todos associados a um papel central do trabalho nos processos de individuação e subjetivação. Foi possível compreender o papel que o trabalho exerce sobre a saúde mental, sua atuação como agente de regulação e pertença a grupos sociais, em especial a sua função de “fio condutor” da família. Além dessa breve introdução, o artigo está dividido em cinco partes. Primeiramente são tecidas considerações sobre a representação histórico-social do trabalho, sua evolução e constituição. Em seguida, discorre-se sobre o sentido do trabalho e suas representações, com foco na atribuição de significados pelos trabalhadores e sua função social. Após a seção que apresenta as escolhas



metodológicas do estudo, seguem-se a análise dos materiais do grupo focal e as considerações finais.

### **O trabalho e sua representação histórico-social**

O início do desenvolvimento da espécie humana se deu atrelado à organização de técnicas e práticas que garantiram a subsistência dos homens, visando sempre a comodidade e maior eficiência nas ações empregadas no ato diário de sobreviver. Tem-se então, a partir da necessidade de sobrevivência enquanto espécie o “germe” do que contemporaneamente denomina-se trabalho. Expressão humana, o trabalho constitui uma representação histórico-social que, ao longo dos tempos, embora tenha sofrido transformações e ressignificações, manteve-se organizando e direcionando a vida no plano individual e em sociedade. Segundo Borges e Yamoto (2004) a palavra trabalho tem origem latina e possui os termos *tripalium* e *trabacula* como fontes originárias cujos significados estão relacionados à tortura e sofrimento. Tomando como base a origem etimológica do trabalho, pode-se pensar na relação dialética que há inscrita no ato de trabalhar, pois se configura como protoforma do ser social. Entretanto, trata-se de algo que pode gerar sofrimento aos indivíduos.

Essa origem denota que o trabalho frequentemente está associado a sofrimento e dor. Diz a Bíblia: “Ganharás o pão com o suor do teu rosto”, isto é, como punição pelo pecado, o homem terá de trabalhar para garantir o próprio sustento. Sim, certamente trabalho quer dizer transpiração, dispêndio de energia e, com frequência, sofrimento. Entretanto, tire o trabalho de uma pessoa, o que acontece? [...] Ela terá uma sensação de vazio existencial. (XAVIER, 2006, p. 2)

Para Borges e Yamamoto (2004), o homem se relaciona de forma intencional com o trabalho e, no processo de construção e produção, também se forja enquanto indivíduo e pode se identificar com a sua obra. Nesse sentido, o trabalho assume um papel destacado na vida dos indivíduos sendo que o “trabalhador, ao se sentir útil, produtivo e valorizado, fortalece sua identidade de sujeito à medida que sua auto-imagem é reforçada e existem possibilidades de auto-realização” (MENDES, 1997, p. 58).

Tomando como marco a Revolução Industrial, a humanidade passou a se relacionar com o trabalho de uma forma diferenciada em relação à que, até esse momento histórico, havia vivenciado. Com o fortalecimento do capitalismo, não apenas o modo de produção foi alterado, mas todo o estilo de vida e os valores sociais. O sentido do trabalho



extrapolou a necessidade de sobrevivência e de expressão do indivíduo, tendo adquirido o caráter de expropriação e acúmulo de capital e bens (ANTUNES, 2000a). Para atender a esta nova realidade de produção e consumo, a partir do início do século XX, a sociedade e os meios de produção se organizaram em sistemas de administração para atender, aperfeiçoar e perpetuar o sistema capitalista. Em uma análise crítica desta realidade, Fromm (1981, p. 49) reflete sobre a sociedade industrial, destacando o princípio de eficiência e produção máximas, cerne do capitalismo, que atua no sentido de orientar os esforços de todos os indivíduos.

A exigência da eficiência máxima conduz, como consequência, à exigência da individualidade mínima. A máquina social trabalha mais eficientemente, assim se crê, se as pessoas são reduzidas a unidades puramente quantificáveis cujas personalidades podem ser expressas em cartões perfurados. Essas unidades podem ser mais facilmente administradas por regras burocráticas porque não criam dificuldades ou provocam atrito. A fim de se atingir este resultado, os homens devem ser desumanizados e ensinados a encontrar sua identidade na empresa em vez de em si mesmos.

O trabalho, na concepção do sistema capitalista, se aproxima do significado de sofrimento tal como a origem da palavra indica. Há estabelecida uma dualidade entre se identificar com o trabalho, e sofrer e se mutilar neste processo. Porém, dentro da lógica do capitalismo, não é possível prescindir do trabalho, é algo que organiza a sociedade, estabelece funções sociais e confere sentido à vida.

Na abordagem psicoeconômica da relação Homem-Trabalho, convém sublinhar que a organização do trabalho é, de certa forma, a vontade do outro. Ela é, primeiramente, a divisão do trabalho e sua repartição entre os trabalhadores, isto é, a divisão de homens: a organização do trabalho recorta assim, de uma só vez, o conteúdo da tarefa e as relações humanas de trabalho (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994, p. 26).

Há inscrito no ato de trabalhar a dialética prazer-sofrimento que criva a constituição da individuação do homem e traduz-se no fomento da subjetivação. As representações dos sentidos do trabalho atuam nessa direção, conforme será discutido na próxima seção.

### **Os sentidos do trabalho e suas representações**

Viana e Machado (2009, p. 1) apontam que “o trabalho é central na vida das pessoas, engajando toda a subjetividade do trabalhador: é e continuará central em face da



construção da identidade e da saúde, da realização pessoal, da formação das relações entre homens e mulheres, da evolução da consciência da cultura”. Na sociedade contemporânea, conforme Morin (2001), assiste-se a uma revolução no mundo do trabalho mediante a incorporação de novas tecnologias que acarretam impactos sobre a estruturação dos processos produtivos e do trabalho de uma forma mais ampla. Esta autora afirma que tais inovações tecnológicas trazem como consequência novas formas de organização e o desaparecimento de empregos permanentes: “ao mesmo tempo em que milhares de pessoas sofrem pela falta de uma vaga, outras sofrem pelo fato de terem que trabalhar excessivamente” (MORIN, 2001, p. 9).

Apesar das transformações percebidas no mundo trabalho, Morin (2001) sustenta que o trabalho continua sendo algo de fundamental importância na vida de um indivíduo. A autora relata que em estudos realizados sobre os sentidos do trabalho, quando as pessoas foram questionadas sobre o que fariam com o seu trabalho caso ganhassem uma quantia de dinheiro suficiente para viver confortavelmente o resto da vida, 80% responderam que continuariam trabalhando da mesma forma. De acordo com Morin (2001), alguns elementos podem ser identificados a fim de que se possa entender a importância que o trabalho assume na vida de tais pessoas, como: o relacionamento com outras pessoas, o desenvolvimento de sentimento de vinculação, ter algo a fazer e ter um objetivo na vida.

Diante do exposto, torna-se relevante compreender o modo como o indivíduo percebe e representa seu trabalho, como ele o concebe: não basta que seu trabalho traga repercussões em sua vida particular, mas também deve representar algum valor na esfera social. O indivíduo almeja que o seu trabalho possa trazer alguma contribuição para outras pessoas e que repercuta no âmbito social. Com isso, percebe-se que a posição central do trabalho na vida de muitos indivíduos não se resume a questões de ordem monetária. Embora a remuneração seja um fator importante, sobretudo para a sobrevivência do trabalhador, este não é o único elemento que mantém os indivíduos ligados a uma fonte de produção.

Morin (2001) destaca que o trabalho exerce influência considerável sobre a motivação das pessoas, uma vez que o “trabalhar” vincula-se à noção de ser produtivo e isso é suficientemente capaz de repercutir em suas satisfações. É nesse ponto que reside a relevância de se investigar sobre os sentidos do trabalho, dado o papel que assume na vida das pessoas, mesmo que se trate de algo variável de pessoa para pessoa. Embora a preocupação da organização seja a do desempenho de seus empregados, ela também “deve oferecer aos trabalhadores a possibilidade de realizar algo que tenha sentido, de praticar e de desenvolver



suas competências, de exercer seus julgamentos e seu livre-arbítrio, de conhecer a evolução de seus desempenhos e de se ajustar” (MORIN, 2001, p. 9).

O que se pode entender é que o trabalho continua a assumir um papel fundamental na constituição da identidade humana, o que, para Job (2003), está relacionado ao fato de o emprego ou o trabalho ajudar a pessoa a dizer a si mesma e aos outros quem ela é. Viana e Machado (2009, p. 3) destacam que o trabalho representa o “fio” de equilíbrio da vida psíquica dos indivíduos:

[...] o homem sem trabalho ou não reconhecido em seu trabalho, ou ainda não encontrando nenhum interesse no seu trabalho, está próximo da depressão e comumente chega a este ponto de ruptura. Pois o trabalho, em nossa sociedade, é o modo privilegiado de fazer uma obra (por menor que seja), de existir, de ter (ou pensar ter) uma identidade. O trabalho é o melhor método para vencer a loucura.

Codo, Soratto e Vasques-Meneses (2004) defendem que a saúde mental se resume na capacidade de amar e trabalhar do indivíduo. Para os autores, amar e trabalhar caracterizam o estado pleno do ser humano e que estas duas dimensões se retroalimentam. A capacidade de trabalhar é um dos pilares da saúde mental, a ausência do trabalho ou a incapacidade temporária de produzir é uma ameaça à saúde do sujeito. O estigma e o estereótipo do “louco” caracterizam-se na perda da noção da realidade e da possibilidade da contribuição com a sociedade, em que o indivíduo torna-se um “fardo” para todas as esferas sociais. Sentir-se produtivo vincula-se à noção e vivência de saúde e bem-estar e o trabalho, como fontes de estímulo e possibilidade de criação, possibilitando que a capacidade produtiva do indivíduo possa existir e objetivar-se em uma obra de que o próprio trabalhador e outras pessoas irão se beneficiar e se reconhecer.

Para Dejours, Dessors e Deriaux (1993), o trabalho se inscreve idiossincraticamente na relação prazer-sofrimento do sujeito com o seu trabalho. Eles conceituam o sofrimento no trabalho a partir do acúmulo da energia pulsional<sup>1</sup> que não encontra meios para ser descarregada ou satisfeita, gerando assim um estado de tensão, desconforto e desprazer constante no aparelho psíquico. Quando a organização não oferece meios para que o indivíduo satisfaça a sua demanda pulsional, esta ganha como destino/vicissitude o corpo desencadeando perturbações de ordem somática e ou psíquica. Este estado de tensão psíquica leva ao processo de fadiga, fruto da sobrecarga pulsional, que,

---

<sup>1</sup> Trieb/Pulsão/Energia pulsional: “Representante psíquico de uma fonte de estímulo endossomática, continuamente a fluir. Um conceito que se acha na fronteira entre o mental e o físico” (FREUD, 1980, p. 171).



não sendo resolvida com intervenção no ato de produzir e na estrutura da organização, desencadeia um estado patológico, o adoecimento psíquico do sujeito.

A psicodinâmica do trabalho se preocupa com as representações sociais dos trabalhadores, suas experiências e sentimentos com o ato diário de produzir. Essa perspectiva privilegia a “normalidade” como referência e objeto de trabalho em detrimento do estado de adoecimento do trabalhador. Seu objetivo é compreender como os trabalhadores conseguem se manter “saudáveis” ou sem nenhum sintoma ou patologia maior diante de tantas pressões e repressões sofridas no trabalho. O sofrimento no trabalho é entendido como o espaço demarcado como “campo de batalha” em que, de um lado, há as pressões e repressões organizacionais e, de outro, o funcionamento psíquico dos indivíduos. A vivência de sofrimento no trabalho não pode ser generalizada e padronizada, pois dependerá de um encontro de uma série de fatores com a formação/história singular do sujeito. A partir desse encontro, fica dada ou não a possibilidade e a predisposição para o sofrimento e adoecimento psíquico via trabalho (SILVA; MERLO, 2007).

Job (2003) entende que o prazer e o sentimento de realização que podem estar associados ao trabalho fazem com este adquira sentido para o trabalhador, o que também seria capaz de explicar o seu comprometimento com este trabalho e com a organização da qual faz parte. Morin (2001), ao fazer uma análise dos estudos de Ketchum e Trist (1992), diz que, para estes autores, os problemas relacionados ao desempenho organizacional dependem da própria organização do trabalho e, de forma mais direta, do grau de compatibilidade entre as características dos trabalhadores e das atividades por eles desenvolvidas. Assim, fará sentido para a pessoa um trabalho na medida em que esteja ajustado ou próximo das características dessa pessoa; caso contrário, o resultado da incompatibilidade entre o que uma pessoa é e o que ela faz, poderá ser observado no seu descomprometimento com o trabalho e com a organização. Esta é apenas uma abordagem paradigmática entre as possíveis abordagens para estudar os sentidos do trabalho.

Há três estados psicológicos que devem ser considerados ao se tratar de questões relativas ao trabalho: “o sentido que uma pessoa encontra na função exercida, o sentimento de responsabilidade que ela vivencia em relação aos resultados obtidos e o conhecimento de seu desempenho no trabalho” (MORIN, 2001, p. 10). Diante do exposto, para que um trabalho possa apresentar sentido positivo e produtivo, há três dimensões em jogo: a individual, a social e a organizacional. É de suma importância refletir quais as condições que são disponibilizadas pela organização para que o trabalhador possa executar sua tarefa, tanto no



que se refere às condições materiais como no que diz respeito às psicológicas. Também é relevante o modo como o indivíduo percebe e representa seu trabalho, como ele o concebe e o representa no âmbito pessoal e social. Dessa maneira, pode-se entender que o trabalhador busca um sentido para o seu trabalho, quer identificar-se com a sua obra, quer fazer vínculos no ambiente do trabalho e por meio dele.

O trabalhador se reconhece como indivíduo e sujeito na medida em que é capaz de produzir e vincular-se ao universo real e simbólico do trabalho. Nessa perspectiva, entende-se que trabalhar, no sentido mais amplo da palavra, transcende a capacidade de entrega e produção de uma determinada tarefa ou produto. Somado ao produto final, os sentimentos e representações que o indivíduo emprega no seu ato diário de produzir, possibilita uma dupla produção: o produto fruto do esforço e empenho laboral e o próprio indivíduo, em sua construção constante.

Todavia, deve-se ter em mente que o trabalho não se presta apenas a uma simplificação representacionista. Isto é, não existe apenas para conferir sentido às existências e para, eventualmente, ser identificado e, de alguma forma, incrementado. Há inúmeras abordagens ligadas ao trabalho como a teoria do processo de trabalho (THOMPSON; SMITH, 2010; BOLTON, 2010) e a economia política do trabalho (SPENCER, 2008), só para ficar em algumas abordagens que, sob referenciais epistemológicos distintos, embora predominantemente marxistas, mapeiam, analisam e denunciam as apropriações, teorizações e embates envolvidos no trabalho. Não se trata de um campo neutro, e tampouco objetivo.

## **Metodologia**

O objetivo de identificar e analisar os sentidos do trabalho e suas representações para um grupo de trabalhadores que vivenciou as etapas da demissão, a volta ao mercado de trabalho e a recontração pela antiga empresa sugere uma abordagem metodológica qualitativa, que foi viabilizada por meio de um grupo focal. A pesquisa qualitativa volta-se ao fenômeno social, às possibilidades de transformação da sociedade e da emancipação do homem como ser social (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004). Apresenta-se como adequada a esse estudo, assim, por valorizar o sujeito como objeto de estudo dando relevância à sua produção como indivíduo integrante de grupos sociais, determinante e determinado por eles. Compreende-se que “o sujeito do conhecimento é um sujeito histórico que se encontra inserido em um processo igualmente histórico que o influencia” (ALVES-



MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 117). Dessa forma, o fenômeno estudado só pode ser compreendido se visto em sua totalidade, na relação imbricada entre indivíduo e sociedade.

No que tange ao grupo focal, adequado para levantar questões de um grupo, seu posicionamento enquanto unidade e nuances subjetivas, caracteriza-se pela investigação dos fenômenos inseridos em um determinado contexto de realidade, crivado por questões temporais, espaciais e emocionais (VERGARA, 2008, p. 111). Esse estudo foi constituído por dois momentos. Inicialmente fez-se uma intervenção psicossocial, sob a perspectiva de oficinas de dinâmica de grupo, demandado pela demissão de um grupo de 16 trabalhadores da divisão de metalurgia de uma empresa multinacional, em uma unidade operacional situada na cidade de Barbacena, Minas Gerais, durante a crise econômica mundial em 2009. O objetivo da primeira intervenção foi auxiliar esses trabalhadores a elaborarem a demissão e se prepararem para a recolocação no mercado de trabalho, diante de um difícil contexto social e econômico, tendo sido utilizada a “Oficina de Recolocação Profissional”. O segundo momento deste trabalho, foco deste artigo, retrata a análise da retomada do emprego por grande parte do grupo. O estudo mapeou os sentimentos, experiências e representações sociais vivenciadas pelos indivíduos durante o período entre a demissão e a retomada do emprego na antiga organização. Os métodos empregados foram baseados em grupos focais, possibilitados por entrevistas semiestruturadas associadas a técnicas de dinâmica de grupo.

Os dados foram coletados durante um encontro do grupo focal, com duração de quatro horas e participação espontânea de 13 indivíduos, realizado em outubro de 2009 na cidade de Barbacena, Minas Gerais. Todo o trabalho foi desenvolvido com a presença de dois moderadores, sendo um responsável pela condução do grupo e o outro pelo registro escrito de todas as falas e produções do grupo, via fichas e formulários de observação. Ao final do trabalho, foi realizada uma validação dos elementos anotados e observados durante a realização do grupo focal pelos dois moderadores, tendo sido definido, assim, o material de análise. Não foram utilizadas gravações do grupo pois, na avaliação dos moderadores, poderia inibir os participantes, considerando que o trabalho foi realizado em uma empresa, tendo sido identificado “receio” dos trabalhadores sobre o uso dos materiais, apesar de os moderadores firmarem o compromisso acadêmico do estudo e o resguardo das identidades dos participantes. O anonimato dos participantes foi mantido e as referências são feitas com as iniciais de seus nomes seguidas da idade. Sobre o perfil dos participantes, o público era essencialmente masculino, de operadores industriais, com idade média de 29 anos, todos com



ensino médio completo, sendo nove indivíduos casados e seis com pelo menos um filho. Todos os indivíduos residiam com suas famílias em bairros da periferia de Barbacena e apresentavam-se como a principal referência econômica de suas famílias.

Foram utilizados instrumentos diferentes para coleta de dados durante o grupo focal. O objetivo era fomentar a discussão dos participantes sobre os temas centrais, porém de forma dinâmica e facilitada por recursos lúdicos. Utilizou-se a entrevista semiestruturada via roteiro com 11 questões discursivas que abordavam os seguintes temas: a) sentimentos vivenciados em relação ao ato da demissão e durante a fase do desemprego; b) os impactos do desemprego na vida dos indivíduos; c) as estratégias adotadas para enfrentar o desemprego; d) a volta ao mercado de trabalho; e) as atividades desempenhadas; f) o significado e sentidos atribuídos ao trabalho; g) a avaliação sobre a oficina de recolocação profissional; h) planos e expectativas ao retomar o antigo emprego; e i) a visão de futuro profissional. Para este estudo, foi realizado um recorte, utilizando os temas mais aderentes ao escopo do artigo.

Em um primeiro momento, todos responderam de forma individual ao roteiro, tendo sido posteriormente realizada uma discussão sobre os temas, com a participação ativa dos membros do grupo. A discussão aconteceu em torno dos elementos que emergiram do roteiro somado às questões que o grupo e o moderador acrescentaram no decorrer da atividade. Após esta etapa, foi realizada uma dinâmica de grupo em que os participantes representaram, via desenhos, colagens, pinturas e escrita, as suas experiências e sentimentos vivenciados no ciclo que compreende as etapas da demissão, volta ao mercado de trabalho, recolocação profissional e retorno ao antigo emprego. O grupo foi dividido em dois subgrupos, com 40 minutos para se organizarem e cumprir a tarefa. A ideia inicial era que representassem em formato de “mapa mental” ou utilizassem de qualquer outra forma para expor, organizar e correlacionar ideias, fatos, sentimentos e experiências. Após a atividade, os participantes apresentaram o material produzido e foi realizada uma discussão sobre os elementos que emergiram a partir da dinâmica.

O estudo se sustenta na análise dos discursos produzidos pelos indivíduos, na perspectiva de contextualizar as vivências, sentimentos e emoções sobre o sentido do trabalho e suas representações, sobretudo aquilo que é anunciado sobre o trabalho. Segundo Maingueneau (1989), a análise do discurso contribui com as hermenêuticas contemporâneas, em que todos os textos possuem de fato uma significação oculta em que, mediante análise orientada por uma técnica apropriada, pode-se tornar decifrável e acessível. O desafio do analista do discurso é construir interpretações sem jamais neutralizá-las, não se preocupando



necessariamente com “o” sentido do texto, mas sim com tudo aquilo que permitiu que o texto se configurasse com um dado sentido.

De maneira mais específica, optou-se pela técnica de análise francesa do discurso como meio de tratar o material e analisar os elementos que emergiram nos discursos dos participantes do estudo. Procurou-se observar e analisar os seguintes elementos discursivos: (i) análise lexical; (ii) identificação e análise dos principais temas e figuras (explícitos ou implícitos) dos discursos; (iii) análise dos principais discursos; (iv) análise dos aspectos interdiscursivos; (v) análise dos principais aspectos defendidos no discurso; (vi) análise dos principais aspectos combatidos no discurso; (vii) posição do discurso hegemônico em cada um dos textos, em relação aos discursos hegemônicos na sociedade em que eles se situam.

Os procedimentos empregados envolveram, em um primeiro momento, a validação pelos moderadores dos materiais registrados e a definição do material de análise do estudo. A partir desta etapa, foram realizadas as leituras de todas as entrevistas e materiais registrados durante as discussões do grupo focal com o destaque de alguns discursos. Foi realizada a decomposição dos materiais conforme a qualidade dos temas abrangidos pelos discursos o que resultou em fragmentos discursivos menores. Esses foram agrupados, independentes das entrevistas e materiais coletados durante o grupo focal, conforme a aderência às categorias discursivas e, uma vez agrupados, foram sublinhados quando representavam trechos em que foram especificamente empregadas as técnicas de análise apontadas. As categorias discursivas finais foram: a) Sentimentos frente à demissão; b) Estar desempregado; e c) Sentidos e significados atribuídos ao “Trabalho”.

### **Apresentação e análise dos dados**

Nesta seção, apresentam-se e discutem-se os dados coletados a partir do grupo focal, via entrevistas e técnicas de dinâmica de grupo utilizadas. Essas fontes primárias para a análise se apresentam por intermédio de fragmentos discursivos a partir dos quais se originaram as categorias discutidas a seguir.

#### ***Sentimentos frente à demissão***

Para Morin (2001), o trabalho exerce influência considerável sobre a motivação das pessoas, uma vez que o ‘trabalhar’ vincula-se à noção de ser produtivo e isso é



suficientemente capaz de repercutir em suas satisfações. A autora afirma que é nesse ponto que reside à relevância de se investigar sobre os sentidos do trabalho, dado o papel que assume na vida das pessoas, mesmo que este papel seja variável de pessoa para pessoa. Os fragmentos (01) e (02) ilustram a passagem acima e possibilitam algumas reflexões sobre o simbolismo da demissão:

(01) Quando eu fui demitido senti uma mistura de *tristeza e decepção*, parecia que *tudo tinha acabado*, pois já havia feito alguns *planos para o futuro*, e para aumentar a gravidade da situação a minha esposa estava grávida. *Aqui eu estava seguro*, sabia que teria meus rendimentos *e lá fora, como seria?* Me bateu um desconforto total, voltar a procurar emprego eu sabia que seria difícil ainda mais que eu *não queria sair daqui*, pois *gosto da empresa, do seu jeito de trabalhar e tratar as pessoas em especial por que sou reconhecido pelo meu trabalho e bem remunerado*. (R. M. C., 31 anos)

(02) Na hora da demissão me senti muito *triste, com sentimento de impotência* em achar que *não estava satisfazendo as necessidades da empresa. Fiquei perguntando o que eu havia feito de errado?* Por mais que me explicassem que o meu desligamento não tinha nada a ver com a qualidade do meu trabalho e era porque a empresa não estava vendendo e precisa reduzir as contas eu não entendia [...] *Fiquei com a certeza que o erro era meu*. Eu fiquei me perguntando como seria a segunda-feira em casa, sem trabalhar? *Vou ficar doido se não conseguir outro emprego logo*. (W. E. S., 33 anos)

Nos fragmentos discursivos (01) e (02) identifica-se o discurso que remete aos sentimentos e emoções de “tristeza”, “decepção” e “impotência” nas falas dos indivíduos, tal como um luto pela perda de alguém ou algo de extrema importância. O uso interdiscursivo e metaforizado dos léxicos “aqui”, implícito subentendido de “estar empregado”, antagonizado pelo léxico “lá” (implícito subentendido de “estar desempregado”) indica algo diferente do espaço, uma diferença entre a realização por estar empregado e o oposto, a frustração e desdobramentos da perda do emprego. A demissão, de forma implícita, assume o caráter de morte nas falas do enunciador, tal como em Fleig *et al.* (2005), uma vez que são relatados sentimentos de luto e de “impotência” diante de uma decisão que não lhes cabia, já que “tudo tinha acabado.” A demissão assume o caráter de morte de uma identidade profissional, de pertença a um grupo e de compartilhamento de valores e signos, de uma trajetória de vida mesmo. E de uma vivência feliz, a julgar pelo implícito subentendido da seleção lexical “gosto da empresa do seu jeito de trabalhar e tratar as pessoas em especial por que sou reconhecido pelo meu trabalho e bem remunerado”. O reconhecimento remete à identificação afetiva com o trabalho.

O “aqui”, representa um elemento de segurança, de proximidade e identificação, porém o “lá”, mostra-se como o desconhecido, ou o espaço e condições conhecidas, mas um lugar em que o indivíduo, por experiências prévias, não quer estar. O “aqui”, enquanto metáfora, semanticamente remete à segurança da grande empresa, grande “mãe” dos seus empregados. Segundo Foucault (2002, p. 114), “todas essas instituições – fábrica, escola, hospital psiquiátrico, hospital, prisão – têm por finalidade não excluir, mas, ao contrário, fixar os indivíduos. A fábrica não exclui os indivíduos, liga-os a um aparelho de produção”. Nesse sentido, o “aqui” apresenta-se de forma perversa, pois, apesar de “fixar” os indivíduos à sua ordem e preceitos de produção, não o faz de forma eterna, isto é, utiliza suas estratégias organizacionais para atrair via benefícios e discursos ideológicos os melhores trabalhadores. Porém o vínculo é passageiro e apenas enquanto atender aos interesses organizacionais. O trabalhador fica “fixado” a esta realidade e é levado a crer que não mais conseguirá sobreviver sem ela. Diante da possibilidade da demissão pela empresa, surgem as vivências de morte, representadas pelo “lá”, o mercado de trabalho, que não necessariamente terá condições de “fixar” o trabalhador como a empresa “mãe” fez.

O sentimento de impotência vem implícito subentendido na fala: “em achar que não estava satisfazendo as necessidades da empresa. Fiquei perguntando o que eu havia feito de errado?” O indivíduo não conseguiu atribuir a causa de sua demissão à organização ou mesmo ao sistema capitalista; segue a via de se responsabilizar, unilateralmente, pela sua demissão. Neste trecho, o entrevistado toma para si a responsabilidade por ter sido demitido, replicando um modelo de punição, pois, em sua concepção, ela é resultado de um erro. Perder o emprego, o não trabalhar, apresenta-se como a própria perda do eu e, em uma relação, à vida saudável e prescrita socialmente. A loucura é anunciada na fala do indivíduo: “Vou ficar doido se não conseguir outro emprego logo”. O léxico “doido”, de forma implícita, remete à perda da capacidade produtiva, do autorreconhecimento e do reconhecimento da sociedade. Em qualquer contexto sócio-histórico a expressão “doido” por si só é carregada de sentidos, em especial na sociedade de Barbacena, a “cidades dos doidos”,<sup>2</sup> em que a loucura traz consigo uma marca histórica de expurgo social, fracasso e perda de dignidade.

---

<sup>2</sup> Barbacena, cidade situada em Minas Gerais, recebeu em 1903 o maior hospício do país, tendo na década de 1960 atingido seu contingente máximo de internos: 4.817 pessoas. Além desse grande hospício, havia na cidade várias clínicas, hospitais e hospícios destinados ao tratamento psiquiátrico. Estima-se que mais de 60 mil pessoas morreram no Hospital Colônia de Barbacena. A década de 1980 torna-se marco do movimento da luta antimanicomial, inspirado em modelos europeus, que revolucionou o tratamento destinado aos indivíduos com sofrimento mental e os moldes do funcionamento dos hospitais psiquiátricos em Barbacena e em todo país.

### *Estar desempregado*

(03) *Foi um pouco desesperador no começo. Pensava por onde começar e não tinha respostas. Conversei com a minha esposa que me ajudou bastante, sempre com diálogo, começamos a batalhar juntos e iniciamos um trabalho por conta própria.* (R. J. D., 28 anos)

(04) *Depois que eu saí da empresa eu fiquei um mês desempregado, não trabalhei em nada, porque eu morava de aluguel e esse tempo e dinheiro que recebi deu para mim terminar minha casa, trabalhei muito lá. Tive que parar com meus estudos, pois não tinha mais condições de pagar o meu curso técnico. Ficamos muito tristes porque não tínhamos mais as vantagens e benefícios que a empresa proporcionava.* (C. C. G., 27 anos)

Nos depoimentos (03) e (04) o discurso dos indivíduos deixa de ser produzido em primeira pessoa do singular e passam a transcorrer em primeira pessoa do plural, indicando a transcendência da vivência individual do desemprego para a esfera microsocial, a família. Nesta categoria discursiva, os indivíduos incluem suas famílias, em especial a esposa, na vivência do desemprego e na busca pela recolocação profissional, o que é evidenciado pelas seleções lexicais: “conversei com a minha esposa”, “ficamos muito tristes”, “batalhar juntos”, “iniciamos um trabalho por conta própria” e “não tínhamos mais as vantagens e benefícios”. Na perspectiva de impactos emocionais, os discursos, de forma implícita subentendida, tratam do sofrimento da família e sua implicação na recolocação profissional. Não somente o “chefe de família” estava desempregado, mas também sua família estava sem emprego. Observa-se a reflexão discursiva quanto à necessidade de adaptação a um contexto com menos recursos, e a refração quanto ao estabelecimento de necessidades: corta-se o supérfluo, que, nesse caso, corresponde à educação. O implícito pressuposto é de que, como se trata de algo de “longo prazo”, não “cabe” quando a ordem é, apenas, sobreviver.

A saída da empresa “mãe” gerou sentimentos e emoções de “tristeza” e “desespero”, na família. Por onde começar? A pergunta, de forma implícita, revela que não somente o movimento do recomeço é custoso, mas que há dúvidas sobre se seria possível viver longe da empresa “mãe” e seu suporte. Tal como nos textos (01) e (02), a relação entre o indivíduo e a empresa volta de forma significativa demonstrando, explicitamente, a dependência da empresa: “Ficamos muito tristes porque não tínhamos mais as vantagens e benefícios que a empresa proporcionava”. Semanticamente, tal relação ultrapassa questões financeiras quando atinge as “vantagens”. O implícito pressuposto do léxico “vantagem” se refere ao valor material que ganha dimensão intangível. Ter o plano de saúde corresponde a



um benefício; porém se analisado em um contexto em que a maioria das pessoas não o possui, passa ser uma “vantagem”. O discurso da “vantagem” vai ao encontro do discurso hegemônico da sociedade de que o emprego diferencia, positivamente, o indivíduo daqueles que não o tem.

As seleções lexicais “não trabalhei em nada” e “deu para mim terminar minha casa, trabalhei muito lá” revelam um aspecto de interdiscursividade, indicando os conceitos, significados e valores atribuídos ao trabalho remunerado *versus* trabalho não remunerado. No primeiro fragmento, “não trabalhar” significa não ter tido um trabalho remunerado e formal, pois o tempo livre foi dedicado à construção da sua casa. O conceito de trabalho se forja na capacidade humana de construção, produção de um objeto e significados por meio de sua obra. Existe “trabalho” mais significativo que a construção de sua própria casa? O indivíduo não consegue objetivar que a construção de sua própria casa configura-se como algo de valor, de sua produção e que diz de sua constituição enquanto indivíduo.

Os fragmentos “começamos a batalhar juntos” e “iniciamos um trabalho por conta própria” revelam uma busca de uma nova ordem de produção, reforçada pela seleção lexical “conta própria”. Este movimento rompe com a dependência da empresa “mãe” e se refere a uma implicação pessoal, intransferível, com seu sustento e identificação com o seu trabalho. O implícito subentendido de “batalhar” é uma disposição e posicionamento pessoal frente ao trabalho: na ausência da empresa “mãe”, o indivíduo, junto a sua esposa, opta pelo protagonismo e autonomia e assume a responsabilidade de acordo com os seus recursos, valores e desejos profissionais.

### ***Sentidos e significados atribuídos ao trabalho***

Por meio dos discursos dos indivíduos, pode-se elencar três grandes grupos de sentidos e significados atribuídos ao Trabalho: a) Sustento e interação social, b) Enobrecimento e valorização do ser humano e c) Completude, o “tudo”.

#### **a) Interação social e sustento**

Job (2003, p. 32) sustenta que no trabalho são estabelecidos laços sociais na relação diária de convivência, mesmo não sendo relações profundas e repletas de emoções. O trabalho, para a maioria dos indivíduos, representa o contexto social em que levam em suas



vidas. “Se um indivíduo perde seu emprego, todos à sua volta tendem a desaparecer. A vida parece mais insípida, debilitada. Pessoas desempregadas sentem-se sozinhas. Para a maioria delas, em suma, o emprego é a fonte principal de significado e ordem em suas vidas”.

(05) O trabalho é muito importante, pois sem ele nós não vivemos além de possibilitar as *amizades* que engrandece muito as pessoas. (D. J. R. P., 28 anos)

(06) *A felicidade da gente poder trabalhar, ter nosso dinheiro para comer e beber, ir a festas, porque sem trabalho não tem jeito de ser feliz.* (M. N. R., 27 anos)

(07) *O trabalho é a satisfação em tudo que faço, me dá harmonia com a minha família e amigos.* (V. A. S., 39 anos)

(08) O trabalho é muito importante, pois é através dele que *sustento a minha família.* (A. J. S., 42 anos)

(09) *Melhoria social, profissional, familiar e principalmente uma satisfação pessoal.* (W. E. S., 33 anos)

Nos discursos (05), (06), (07), (08) e (09), os indivíduos atribuem ao trabalho o caráter de “passaporte” social, a garantia do convívio em “harmonia” com a família e a sociedade. Linguisticamente reflete-se a centralidade do trabalho e refrata-se as possibilidades de emancipação por meio dele. O ser humano, como ser social, forja-se indivíduo e sujeito em sociedade, vivendo a sua individualidade em conjunto a outras individualidades que formam o todo social. Apesar de diferentes, os indivíduos possuem elementos que os assemelham, possibilitando a sua convivência comum, principalmente o *status* de “trabalhador” personagem central nos fragmentos discursivos. Esse personagem confirma um ser produtivo e que contribui com a sociedade, credenciando o indivíduo ao convívio comum e a pertença a determinados grupos. A seleção lexical “ir a festas” sugere mais do que condições financeiras. Por meio do trabalho, para ter acesso a um evento social, implicitamente pressupõe que, ao indivíduo sem trabalho “a felicidade” e o convívio social, “ir a festas” é algo vetado. Só quem trabalha se habilita a se divertir, uma interdiscursividade entre sofrimento laboral e prazer no não trabalho, entre exclusão social pelo desemprego *versus* inclusão via emprego.

O léxico “sustento” assume, semanticamente, a função de prover as necessidades básicas dos familiares, e também o sentido de suporte para que a relação social aconteça de forma “harmoniosa”. O discurso “o trabalho é a satisfação em tudo que faço, me dá harmonia com a minha família e amigos” apresenta o trabalho como fio condutor das relações sociais, sejam elas em família e ou em outros grupos. O trabalho diz também de um papel social, pois



de forma explícita, a sociedade prescreve comportamentos aos “trabalhadores”, cobrando uma postura de retidão moral e cumprimento das leis sociais.

b) Enobrecimento e valorização do ser humano

(10) *Me dignifica*, aumenta minha autoestima. Não sei como seria se não pudesse mais trabalhar. (R. M. C., 31 anos)

(11) Primeiramente o trabalho *edifica o ser humano* e também é o responsável por nossa própria sobrevivência. (R. A. S. L., 28 anos)

(12) O trabalho *engrandece o homem*, seja qual for o trabalho, além de ser a origem de seu sustento. (O. L. S., 30 anos)

O ato de “trabalhar” passou por grandes transformações de significado e de valoração social. A partir da ascensão da burguesia, o trabalho ganhou *status* de “enobrecedor”, pois os recursos acumulados pela via laboral possibilitavam aos burgueses a aquisição de títulos de nobreza. Ser nobre, a partir deste momento, deixa de ser um direito por nascimento e passa ser possível pelo acúmulo de riquezas. Transpondo este conceito para o contexto atual, ser “nobre” é possuir um trabalho e por meio dele diferenciar-se socialmente. Ser um “trabalhador” guarda em si um *status* simbólico de quem pertence à classe dos “trabalhadores”. O léxico “dignifica” relaciona-se a capacidade que o trabalho possui em infundir dignidade ao indivíduo perante a sociedade, tornando-o “honrado”.

A seleção lexical “engrandece o homem”, de forma explícita, reforça que, pelo trabalho, é possível o homem se torna “maior”, o que converge com o discurso hegemônico na sociedade que atribui valor diferenciado aos indivíduos de acordo com suas capacidades de acúmulo de bens materiais. O léxico “engrandecer” é coerente com o discurso capitalista que prega a possibilidade do crescimento e mobilidade social pelo trabalho. Assim, independentemente do seu conteúdo, dos seus objetivos, ou do prazer que proporciona a quem o executa, o trabalho representa valor em si mesmo (WEBER, 1992).

Quanto ao sentido do trabalho na esfera individual, destaca-se a seleção lexical “edifica o ser humano” que, de forma explícita, atribui ao trabalho o caráter de elemento fundamental na individuação e subjetivação do ser humano. O léxico “edifica” traz em si o significado construção e, por meio deste discurso, ratifica-se a importância do trabalho e o lugar de destaque que ocupa na vida do homem, pois, ao construir algo, o indivíduo tem a possibilidade de atribuir sentidos ao trabalho e “produzir-se” também, identificando-se com



sua obra. Tal seleção lexical apresenta um implícito pressuposto de que, em todo trabalho há a produção de dois elementos: o objeto factível fruto do esforço laboral e o próprio indivíduo, que se constrói e reconstrói no seu trabalho diário.

c) Completude, o “tudo”

(13) O trabalho é *tudo*, porque um homem sem trabalho *ele não consegue ter objetivos e metas, enfim, não consegue sonhar*. (J. V. F., 30 anos)

(14) O trabalho é *tudo* na minha vida, pois me faz amadurecer, *pensar no futuro, fazer projetos*. (R. J. D., 28 anos)

(15) Resumo o sentido do trabalho em uma palavra: *tudo*, pois sem trabalho você não é nada, não é ninguém. (C. C. G., 27 anos)

(16) O trabalho na minha vida é *tudo, porque com ele eu realizo meus sonhos, é uma ocupação que gosto de fazer com prazer*. (D. J. C., 31 anos)

Nesta subcategoria de análise, aparece de forma repetida nos discursos o léxico “tudo” como forma de atribuir sentido ao trabalho. Em uma análise semântica, a expressão “tudo” abarca o significado de totalidade, o que reforça sua indissociabilidade da individuação do homem, processo em que indivíduo, sua capacidade produtiva e obra realizada tornam-se um contínuo, um todo que garante a existência comum e integrada desses elementos. Ser “tudo” é ser “total”, aquilo que possui em sua essência a completude, não no sentido de acabado, mas no de possibilidade no devir, em tudo aquilo que constitui o indivíduo hoje a partir de ontem.

Diante da realidade da “falta” humana, isto é, da capacidade humana de desejar e de reconhecer-se em seu desejo, é possível vivenciar a completude, o “tudo”, expresso no sentido atribuído ao trabalho? Tomando o trabalho como o ato de produção dupla, a obra e o próprio indivíduo, pode-se destacar que a capacidade produtiva do homem é o elemento essencial na sua constituição. Por meio da possibilidade de criar algo diferenciado, mesmo com a rotina, o novo pode emergir já que a experiência que traz em si forja a cada dia um novo indivíduo em seu movimento ininterrupto de subjetivação.

A completude, o “tudo”, remete, em especial, ao estado de saúde mental do indivíduo e à sua capacidade de movimentar-se em sua história e em seu projeto de vida. O fragmento do discurso “ele [o homem sem trabalho] não consegue ter objetivos e metas, enfim, não consegue sonhar” pode ser analisado, segundo Dejours, Dessors e Desriaux



(1993), entendendo que a saúde mental não se estabelece no conforto ou na ausência de angústia, mas na capacidade humana de estabelecer metas, objetivos, que podem ser elaborados e galgados também via laboral. A saúde mental calca-se na capacidade humana de desejar, impulsionando a vida: “o que faz as pessoas viverem é o desejo, e não só as satisfações. O verdadeiro perigo é quando o desejo não é mais possível” (DEJOURS; DESSORS; DESRIAUX, 1993, p. 101). Assim, até mesmo um trabalho frustrante e não gerador de satisfação constante cumpre o seu papel no “todo” da individuação do homem, pois possibilita que as experiências vivenciadas, mesmo as negativas, constituam uma ordem de desejo que impulsiona o indivíduo a buscar alternativas para atingir seus resultados, seu “prazer”, mesmo que seja necessário buscar outro trabalho.

### **Considerações finais**

As principais contribuições do trabalho percorrem pelos seguintes eixos: a produção de conhecimento sobre o tema, possibilitando uma maior reflexão sobre o fenômeno “trabalho” na sociedade contemporânea e suas configurações para o indivíduo e sociedade e, como forma de conhecimento aplicado, destaca-se como aporte para gestão de pessoas em contextos organizacionais. O estudo possibilitou o mapeamento de interesses, motivações, papéis e valores atribuído ao trabalho pelo indivíduo, o trabalhador, que pode ser considerado para a prática de gestão de pessoas mais humanizada nas relações de trabalho. O conteúdo deste estudo revela o “trabalho” na concepção do trabalhador e aponta possibilidades de valorização desta perspectiva na configuração contratual e simbólica entre trabalhador e o sistema de produção.

Por meio da análise, pode-se constatar e ratificar o papel do trabalho para o indivíduo e, em consequência, para a sociedade. Os discursos dos indivíduos apresentam o trabalho como elemento fundante do processo de individuação do homem pois, ao construir algo, o sujeito tem a possibilidade de atribuir sentidos ao seu trabalho e “produzir-se” também, identificando-se com sua obra. No ato de “trabalhar” há a produção de dois elementos: o objeto factível fruto do esforço laboral e o próprio indivíduo, que se constrói e reconstrói no seu trabalho diário. O trabalho, de forma dialética e paradoxal, garante ao homem o reconhecimento enquanto indivíduo em estado de plenitude, um ser produtivo, porém um sujeito da falta, expresso em sua necessidade de produzir e identificar com o seu trabalho de forma contínua. Por meio do movimento constante de transformação e criação do



indivíduo, há a possibilidade de subjetivação do trabalho, da busca pelo novo, no ciclo constante da “falta” do sujeito desejanste de prazer, autorreconhecimento e reconhecimento social.

Todavia, essa discussão merece reparos. Apesar desse discurso funcionalista sobre as benesses do trabalho, os dados revelam que a plenitude do sujeito se vincula a um contexto de trabalho. Quando não existe esse trabalho, perde-se muito desse sentido, o que é de se esperar em se tratando de trabalhadores assalariados. O que se questiona aqui é em que medida os sujeitos só são plenos se trabalham. Esse é um discurso ajustado à moral capitalista. Não que haja qualquer espécie de apologia ao não trabalho; mas que o trabalho enquanto elemento emancipador é uma invenção capitalista, um elemento central para o funcionamento do sistema já que trabalhar equivale a ter valor. Todos, em tese, teriam de se empregar para ter valor, caso contrário, não seriam úteis – mas ao sistema capitalista, que fique claro.

Cenários contemporâneos, como o desemprego estrutural na Europa, desafiam essa perspectiva, que já que a culpabilização dos trabalhadores pelo seu não trabalho – e pelo seu não valor – não pode ser plenamente feita já que é o núcleo duro do próprio capitalismo que produz a situação. Nesse momento surgem discursos como o do empreendedorismo individual como solução, já que “encontrar soluções” é tarefa básica de indivíduos empreendedores, pessoas que alcançarão o sucesso por não serem acomodados. Toda a perspectiva do *welfare state* é combatida, portanto, por ser cara, não necessariamente por ser ruim. É preciso nada esperar do Estado, e só contar consigo mesmo, o que inclui a capacidade de se manter empregado.

Este trabalho contribui, de maneira geral, para suscitar reflexões sobre as múltiplas faces atribuídas ao trabalho, em especial aos vários sentidos e representações sociais assumidos nas enunciações discursivas. Pode-se analisar o papel fundamental do trabalho, central não por acaso, nos processos de individuação e subjetivação dos participantes do estudo. Além disso, foi possível identificar o papel que o trabalho exerce sobre a saúde mental, sua atuação como agente de regulação e pertença a grupos sociais, em especial, à função que exerce de “fio condutor” da família.

O discurso sobre a capacidade de o trabalho infundir “dignidade”, “enobrecimento” e de possibilitar a “edificação do homem” se mostra tão imperativo nas representações do grupo que os indivíduos não enxergam sentido as suas vidas sem o trabalho, o que se verifica nos discursos que fazem alusão ao período do desemprego, com as



enunciações de sentimentos de “desespero”, “tristeza”, “impotência” e isolamento social. Como dito, é um campo fértil para que “útil” e “valeroso” sejam tomados como sinônimos em um cenário que nada pretende garantir a quem quer que seja. Em outras palavras, se as empresas necessitam dos serviços dos trabalhadores, eles devem estar à disposição. Mas se eles não são necessários por qualquer motivo, foi sua incapacidade de se fazerem indispensáveis que os punirá. Que se martirizem, portanto, associando seu não trabalho a seu não valor enquanto indivíduos. Essa lógica, econômica, não atende às expectativas sociais, mas nem por isso deixa de se apresentar como hegemônica.

Constatou-se também a valorização atribuída ao trabalho formal em detrimento do informal, em especial, a importância dada pelos sujeitos às “vantagens” sociais que são advindas do trabalho remunerado. Como categorias de análise dos sentidos e representações sociais do trabalho, destacaram-se o trabalho como fonte de sustento e interação social, a função de “enobrecimento” e valorização do ser humano via o trabalho e o sentido de completude, o “tudo”, possibilitado pelo ato de trabalhar. Em outras palavras, não basta um trabalho qualquer: é preciso um trabalho formalizado, que garanta reconhecimento, estabilidade, direitos, enfim, que promova a existência do trabalhador. O espelho desse sentido é que outro trabalho só sugere a sobrevivência, algo eventualmente necessário, mas não desejado por indivíduos que pretendem ter reconhecimento social.

A realização de estudos como esse traz implicações tanto para a produção de conhecimento no campo da administração, comumente voltada aos processos de eficiência e eficácia organizacional em detrimento aos estudos das relações estabelecidas no espaço de produção, quanto para a compreensão dos processos de subjetivação e individuação dos trabalhadores. A partir de uma abordagem distinta da dos manuais de administração, elege-se a perspectiva do trabalhador para observar o fenômeno trabalho e mapear os elementos que o constituem. Por meio dessa abordagem, tem-se a possibilidade de conhecer os principais motivadores, sentimentos, valores e angústias atribuídas ao ato de trabalhar sob a ótica do trabalhador, o que sugere práticas de gestão de pessoas voltadas para o sujeito, compreendendo as implicações inerentes ao ato de trabalhar no contexto organizacional.

Acredita-se que novos estudos sobre os sentidos do trabalho e suas representações sociais poderiam contribuir com o fortalecimento do aporte teórico sobre o tema, em especial, ao eger classes de trabalhadores distintas quanto à ocupação, qualificação e interações socioculturais. Assim, podem ser estabelecidos conexões e contrapontos nos discursos sobre o fenômeno trabalho, bem como mapeados sentimentos e representações com dimensões



transversais, elementos característicos de determinados grupos e peculiares ao indivíduo, de seu processo de subjetivação da realidade e experiências vivenciadas. O não trabalho também se mostra como um campo promissor, sobretudo no que tange às possibilidades de uma reconfiguração das representações associadas ao trabalho. A partir dessa agenda, pode-se compreender de forma mais ampla e profunda o fenômeno trabalho na sociedade e suas dimensões plurais, permitindo refletir sobre a possibilidade de outras relações de trabalho, mais humanizadas.

### Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000a.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2000b.

BOLTON, S. Old Ambiguities and New Developments: Exploring the Emotional Labour Process. In: THOMPSON, P.; SMITH, C. (Ed.). **Working Life**: Renewing Labour Process Analysis. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

BORGES, L. O.; YAMAMOTO, O. H. O mundo do trabalho. In: ZANELLI, J. C., ANDRADE-BORGES, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Org.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BRANDÃO, M. **Impactos da perda do emprego e o papel da qualificação no processo de reinserção no mercado de trabalho**. 2002. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

CODO, W.; SORATTO, L.; VASQUES-MENESES, I. Saúde mental e trabalho. In: ZANELLI, J. C., ANDRADE-BORGES, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Org.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **A psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C.; DESSORS, D.; DESRIAUX, F. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 98-104, maio/jun. 1993.



FLEIG, D. G. *et al.* Reestruturação produtiva e subjetividade: análise interpretativa do significado do desemprego. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 12, n. 33, p. 71-91, abr./jun. 2005.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIV.

FROMM, E. **A revolução da esperança: por uma tecnologia humanizada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

GILL, F. The Meaning of Work: Lessons from Sociology, Psychology, and Political Theory. **The Journal of Socio-Economics**, Amsterdam, v. 28, p.725-743, 1999.

JOB, F. P. P. **Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações**. 2003. 237 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2003.

KETCHUM, L. D.; TRIST, E. **All Teams are not Created Equal: how Employee Empowerment Really Works**. Newbury Park: Sage, 1992.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989.

MENDES, A. M. B. Os novos paradigmas de organização do trabalho: implicações na saúde mental dos trabalhadores. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 23, n. 85/86, p. 55-60, set. 1997.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set. 2001.

SILVA, P. C.; MERLO, A. R. C. Prazer e sofrimento de psicólogos no trabalho em empresas privadas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 132-147, 2007.

SIQUEIRA, M, GOMIDE, S. Vínculos do indivíduo com o trabalho e com a organização. In: ZANELLI, J. C., ANDRADE-BORGES, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Org.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SPENCER, D. **Political Economy of Work**. London: Routledge, 2008.



THOMPSON, P.; SMITH, C. (Ed.). **Working Life: Renewing Labour Process Analysis**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2008.

VIANA, E.; MACHADO, M. Sentido do trabalho no discurso dos trabalhadores de uma ONG em Belo Horizonte. In: CONGRESSO UNA DE PSICOLOGIA, I, 2009, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UNA, 2009.

XAVIER, R. A. P. **Sua carreira: planejamento e gestão**. São Paulo: Financial Times/Prentice Hall, 2006.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1992.